

Crescer é possível, diz pesquisa.

PARA QUE O PIB AVANCE 12%, BASTA QUE AS 500 MAIORES EMPRESAS DO PAÍS OPEREM A PLENA CAPACIDADE.

JÓ GALAZI/AE

O Brasil pode crescer até com certa facilidade: se as 500 maiores empresas do País usarem a capacidade instalada hoje ociosa, gerarão um faturamento de US\$ 46 bilhões (Cr\$ 85,46 trilhões) e o Produto Interno Bruto (PIB) crescerá

12%. Os números são da I Sondagem das Perspectivas de Investimentos Setoriais, divulgada ontem, no Rio, pela Price Waterhouse. Além disso, elas estão tecnicamente aptas a se endividar em US\$ 50 bilhões (Cr\$ 92,9 trilhões), pois é extremamente baixa a relação entre o que já devem (quase tudo a curto prazo) e o seu patrimônio líquido.

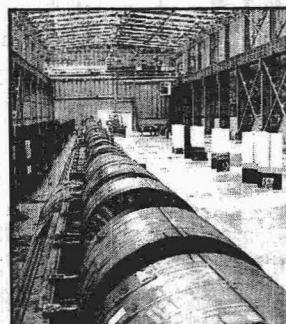
Pelas avaliações da Price, a recessão fará com que as 500 maiores empresas invistam este ano US\$ 14,9 bilhões (Cr\$ 27,68 trilhões), valor equivalente a 14,4% dos seus ativos, taxa que em 1989 era de 21,8%. Na pesquisa aparece ainda uma contradição: os maiores investimentos em expansão de instalações ocorrerão no setor público, o que sinaliza para o crescimento e não redução do chamado Estado Empresário. As informações para a pesquisa foram colhidas em janeiro.

Nos dados obtidos, um causou particular preocupação ao diretor da Price, Célio Lora: o baixo volume de recursos que essas empresas estão pensando em destinar à aquisição de controle acionário de outras — ou seja, à participação no programa de privatização. A cifra não chega a US\$ 1 bilhão (Cr\$ 1,85 trilhão), enquanto o governo quer vender estatais cujos ativos totalizam cerca de US\$ 18 bilhões (Cr\$ 33,44 trilhões).

Também preocupante, de acordo com Lora, é o fato de as empresas continuarem financiando seus investimentos com capital próprio (é o que farão, e vêm fazendo, quase 60% delas). E explicou: "Para cada US\$ 1 próprio, elas usam US\$ 1 de terceiros, quando o normal, nos países desenvolvidos, é usar US\$ 2 para cada US\$ 1 próprio".

Obstáculos

No entender de Célio Lora, assim que forem removidos os principais obstáculos aos investimentos identificados pelos empresários, o crescimento poderá ser rápido. Os principais fatores que os inibem são os juros altos (54,8%), a carga tributária (50%), as pers-



Indústria: só investir.

pectivas de recessão (47,6%), a política antiinflacionária (38,9%), a carência de financiamentos de longo prazo (34,9%) e o baixo poder aquisitivo (34,1%).

O setor agropecuário é o que mais programou investimentos em 1992 e 1993 — eles equivalem a 21,8% dos seus ativos em 92 e a 22% no ano seguinte. O setor de metalurgia destaca-se entre os que menos investirão (apenas 9,3% do ativo este ano e 10,2% no ano que vem). O segundo maior investidor será o setor público e de transportes, que é, segundo Lora, onde o Estado se caracteriza como empresário: serão investidos 18,7% dos ativos agora e 17% em 1992, dos quais 96,1% em capital fixo.

Em vista da ociosidade — no ano passado, em média, as 500 maiores empresas usaram apenas 75,4%, e no primeiro quadrimestre de 92 estão usando somente 71,3% —, praticamente todos os demais setores pouco vão investir em expansão. No setor privado, quem mais se aproxima do setor público nesta programação é o segmento de comércio e produtos básicos, mesmo assim somente com 30,6%.

As fontes de financiamentos das 500 maiores empresas serão, em cerca de 60% dos casos, os recursos próprios. Somente 10% a 12% querem lançar mão de dinheiro das instituições financeiras privadas nacionais, percentual semelhante aos que ambicionam os recursos das agências governamentais (basicamente o BNDES). Somente 5,5% recorrerão este ano a instituições financeiras do Exterior. E os recursos de acionistas só serão responsáveis por cerca de 6% dos investimentos.

Reposição salarial

Somente 14,9% das 500 maiores empresas estão, neste primeiro quadrimestre, dando reposição mensal da inflação aos seus empregados. De acordo com a pesquisa da Price Waterhouse, 28,9% das empresas acompanham a política salarial estabelecida pelo mercado. A quantidade de empresas adotando esta estratégia aumentou em relação ao último quadrimestre de 91, quando esse percentual era de 22,5%. No ano passado, aliás, era menor o número das que corrigiam integralmente pela inflação os salários dos empregados (10,8%).

